



Reflexões sobre o termo e conceito 'Informação Arqueológica': um estudo a partir da Terminologia e da Representação da Informação


Sérgio Rodrigues de Santana

Doutorando em Ciência da Informação
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil
 <https://orcid.org/0000-0002-1286-0775> E-mail: sergiokafe@hotmail.com


Eliane Epifane Martins

Mestra em Ciência da Informação
Faculdade de Teologia e Ciências Humanas, Macapá, AP, Brasil
 <https://orcid.org/0000-0002-7743-0004> E-mail: jadyeliane@gmail.com


Lilia Mara de Menezes

Mestra em Letras
Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil
 <https://orcid.org/0000-0002-3544-7369> E-mail: liliamaram@hotmail.com

Maytê Luanna Dias de Melo

Doutoranda em Ciência da Informação
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil
 <https://orcid.org/0000-0002-7310-2572> E-mail: lumeloo@yahoo.com.br

Carla Daniella Teixeira Girard

Doutoranda em Educação
Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, PA, Brasil
 <https://orcid.org/0000-0001-6024-8743> E-mail: carlinhagirard@yahoo.com.br

Submetido em: 05-07-2022	Reapresentado em: 20-01-2023	Aceito em: 20-01-2023
--------------------------	------------------------------	-----------------------

RESUMO

O artigo refletiu sobre algumas bases epistêmicas do termo/conceito 'informação arqueológica', e a justificativa do estudo versou na ampliação e atualizar dos estudos da Terminologia Arqueológica Brasileira na perspectiva interdisciplinar da Ciência da Informação que busca manter no escopo de suas reflexões dos grupos e comunidades científicas. Se baseou no método compreensivo-descritivo-interpretativo, apoiado nos estudos Terminológicos e da Representação da Informação, para obter os resultados que demonstram que a Informação Arqueológica é um conjunto de vestígios, evidências, indícios e pistas localizados e tratados. Assim, é um conjunto de informação e conhecimento sobre os aspectos culturais, sociais identitários, e materiais (tecnologias ornamentais e tecnológicas técnicas), de uma determinada sociedade e/ou grupo pertencente a um passado ágrafo. A informação arqueológica tem o potencial de visualização do contexto de antecipações culturais, sociais, identitários, ambientais e tecnológicos das sociedades atuais e seus impactos para as sociedades do futuro, tendo em vista a sua essencialidade memorialístico-histórica que constitui a cultura material (conhecimento). Sua aplicação versa sobre a representação eficiente e eficaz (temática - indexação/descriptiva - catalogação) de seus objetos (materiais) de estudos; facilita a linguagem escrita dos(das) arqueólogos(as); subsidia as oralidades intergrupais e individual dos(das) profissionais arqueólogos(as); minimiza o teor ambíguo e ambivalente da SI; facilita a disseminação da Informação Arqueológica, para além das confrarias acadêmicas; facilita a promoção da interdisciplinaridade com outras áreas, especialmente, para áreas como a história, museologia, arquivologia, biblioteconomia, antropologia, paleontologia e outras e gerencia a informação/conhecimento arqueológico quanto à antecipação social, cultural e ambiental atual.

Palavras-chave: informação arqueológica; representação da informação; terminologia; epistemologia; ciência da informação.

Reflections about the term and concept 'Archeological Information': a study based on Terminology and Information Representation's theories

ABSTRACT

The article reflected about some archaeological information's epistemic bases, and the justification of this study was the expansion and updating of the studies of Brazilian Archeological Terminology through the perspective's interdisciplinary from Information Science field that seeks to keep in the scope of its reflections of groups and communities scientific. It was based on the method's comprehensive-descriptive-interpretative, supported by Terminological and studies' Information Representation to obtain results that demonstrate Archaeological Information is a set of traces, evidence, signs and clues located and treated. Thus, Archaeological Information it is a set of information and knowledge about the cultural, social identity, and material (ornamental technologies and technical technological) aspects of a given society and/or group belonging to an agrapha past. Archaeological information has the potential to visualize the context of cultural, social, identity, environmental and technological anticipations of current societies and their impacts on future societies, in view of its

memorialistic-historical essentiality that constitutes material culture (knowledge). The Archaeological Information application deals with the efficient and effective representation (thematic - indexing/descriptive - cataloging) of its study objects (materials); facilitates the archaeologists' written language; subsidizes the archaeologists's orality professional intergroup and individual; minimizes the ambiguous the Information Society's ambivalent content; facilitates the dissemination of Archaeological Information, beyond academic fraternities; facilitates the promotion of interdisciplinarity with other areas, especially for areas such as history, museology, archival science, library science, anthropology, paleontology and others, and manages archaeological information/knowledge regarding current social, cultural and environmental anticipation.

Keywords: archaeological information; information representation; terminology; epistemology; information science field.

1 INTRODUÇÃO

O uso de termos e conceitos como práticas da representação da informação e da terminologia torna-se mais estratégico na Sociedade da Informação (SI) devido a sua ambivalência (DEMO, 2000), onde a oralidade e a escrita são cada vez mais afetadas pela fluidez e liquidez da cultura digital. Assim, é imperativo promover o caráter de antecipação através dos estudos da representação da informação e da terminologia quanto aos fluxos informacionais e comunicacionais científicos, analisando o presente (MACHADO *et al.*, 2020), para que no futuro os ruídos, *fake news* e a desinformação, como outras problemáticas que estão junto aos fluxos sejam minimizados, tarefa que se aplica também a Arqueologia, especialmente, no âmbito epistemológico.

Para Funari (2015), a Arqueologia, desde o começo, esteve na dependência de uma questão epistemológica, mas esse fato é vivenciado por toda ciência, o que demanda um movimento poliepistemológico para o avanço científico. Embora insuficiente, há estudos sobre a construção e uso da Terminologia Arqueológica, logo, há preocupação epistêmicas acerca da representação dos seus objetos, portanto o movimento poliepistemológico ocorre na Arqueologia. Essa apreensão ocorreu no campo da Arqueologia a partir das reflexões e estudos que empreenderam a construção da Terminologia Arqueologia Brasileira de Cerâmica, iniciativa que ocorreu por meio de uma série de acontecimentos que inclui a promoção de seminários da área e a construção dos manuais de obras de referências entre 1964 e 1970 (CHMYZ *et al.*, 1976). Para Silva e Coutinho (2020), com o pensamento pós-moderno em voga, torna-se

necessário repensar a constituição metodológica, especialmente, a atenção para os termos e conceitos deste campo, como também a relação interdisciplinaridade de campo entre a Arqueologia e a Ciência da Informação (CI), para que a Arqueologia possa avançar em relação às questões curriculares, didáticas e profissional.

Ao apontar a pós-modernidade e termos e conceitos, perspectiva interdisciplinar emergem quando se visualiza os diversos conceitos de informação, diversidade que é um fenômeno resultante da pós-modernidade que busca atender todos os grupos e comunidades. Para Capurro e Hjørland (2007) cada conceito de informação carrega em si fenômenos próprios que o faz um único, e isso inclui as necessidades específicas¹ e intraespecíficas² de um grupo e/ou comunidades. Para Paiva (2014) conceituar possibilita uma ruptura epistemológica com o senso comum, assim pensar na Informação Arqueológica significa atualizar a Terminologia Arqueológica Brasileira a partir das necessidades específicas e intraespecíficas dos arqueólogos.

Diante do exposto, quais são os pontos teórico-práticos e epistêmicos para a construção do termo e conceito de Informação Arqueológica no âmbito a Ciência da Informação (CI)? Visando os processos como tratamento, armazenamento e disseminação como etapas do ciclo da informação arqueológica, este artigo objetivou refletir e delimitar os pontos teórico-práticos e epistêmicos sobre o termo e conceito de informação arqueológica, visto que esses processos são domínios da Ciência da Informação.

A justificativa do estudo versa na ampliação e atualizar dos estudos da Terminologia Arqueológica Brasileira na perspectiva interdisciplinar, pois a Ciência da Informação busca manter no escopo de suas reflexões, os grupos e comunidades científicas, pondo em prática sua essência aplicada, quanto a criação de serviços e produtos; e sua essência social, foca a participação na evolução, manutenção e organização da sociedade.

2 ARQUEOLOGIA: BREVE TRAÇADO HISTÓRICO-TÉCNICO

A arqueologia investiga a manutenção e transformação dos sistemas socioculturais e suas identidades através dos tempos. Ela nasceu no Renascimento, e deriva da História, “[...]”

¹Destaca-se o termo e conceito de informação étnico-racial que atende à necessidade da população negra.

²Destaca-se o termo e conceito informação gênero-sexualidade, pois a comunidade LGBTQIA+ é composta por vários grupos, perfis e amplitudes espectrais que demandam necessidades informacionais distintas.

cujas evidências materiais substituem, disponibilizam e complementam fontes escritas dos passados humanos” (SILVEIRA, 2022, p. 81). No Brasil, a Arqueologia emergiu por duas perspectivas, a pré-colonial e histórica, em que na primeira se trabalha com a cultura material como evidências, e a segunda conta com documentos escritos (SILVEIRA, 2021). Segundo Paiva e Zahlouth (2013), a partir do século XX a Arqueologia se define como uma disciplina científica e deixa de ser uma técnica simples de coleta de vestígios, ou seja, de dados, esses que são um fenômeno sem significação, a matéria-prima da informação (SETZER, 1999). Assim, os vetores ‘vestígios’ e ‘técnica’ alcançaram respectivamente o *status* de ‘objeto de estudo’ e ‘fenomenotécnica’. Os ‘vestígios’, ou seja, os artefatos materiais, ascendem como fontes de informação no pensamento ocidental no século XIX (SILVEIRA, 2022). Os ‘vestígios materiais’ são ossos, restos de fogueiras, pinturas rupestres, ruínas, textos antigos, fósseis, objetos de cerâmica, entre outros materiais que compõem o sítio arqueológico, o local em que os pesquisadores fazem boa parte de seus estudos e suas investigações.

Neste fluxo, os ‘vestígios materiais’ são elevados como objeto, objeto de estudo e alcançam o *status* de documento, ou seja, de informação, esse que é um fenômeno com significação, o degrau para a construção do conhecimento (cultura imaterial). Para entender o nível de *status* que ajudou a delinear a Arqueologia como disciplina científica, é preciso distinguir os termos ‘vestígios materiais’, ‘objeto’, ‘objeto de estudo’, ‘documento’ e ‘cultura material’. Para Mallmith (2010), o conceito técnico-científico de ‘vestígios’ refere-se a qualquer corpo, objeto, como também marca ou sinal que desenhe uma sequência de procedimentos que resultaram em sua produção e/ou sua acomodação em determinada configuração, forma ou estado. Assim, os vestígios materiais, especialmente, como um corpo (humano ou animal) e objeto constituem-se em evidências. O ‘objeto’ é um fenômeno que acompanha ciclos de vida, como artefato, é uma fonte de informação, um signo, uma dimensão corporal da memória, pois eles se relacionam com:

[...] ancestralidades, memórias, identidades, lembranças, esquecimentos de vivências individuais e coletivas. Algumas peças fazem parte da documentação de uma cultura civilizatória, materializando situações que seriam perdidas, caso a autenticidade, diante do acontecido, fosse ignorada. São gerados pelas interações da dinâmica da vida, podendo, ou não, ser destacados como mediadores dessas correlações (SILVEIRA, 2022, p. 3).

Assim, um 'objeto' como 'evidência material' é aquilo que é incontestável, que pode ser visto, verificado (SILVEIRA, 2022), especialmente, passível de fazer análises científicas sobre ele. E, se há análises, implica que esse 'objeto', pode ser, conseqüentemente, um 'documento', pois para Briet (1951) o 'documento' é uma evidência, prova e/ou fato, sendo ele um corpo, ainda que seja de um antílope. Para ela a noção epistêmica de 'documento' se aproxima muito do pensar e fazer da Arqueologia, pois sua definição se estende aos objetos naturais, na medida em que eles são indexados. Do mesmo modo, para Saldanha (2012) o antílope catalogado é um documento inicial e os outros documentos são os documentos secundários ou derivados. Assim, conseqüentemente, o 'documento' obteve seu valor documentário (catalogação/indexação) por seu contexto de recepção. Para Saldanha (2012) o documento é um conjunto de provas ou fatos constituídos a partir de redes institucionais de linguagem, assim acentuado dentro de uma rede ou de várias redes de relações indexicais e transformado como objeto semiótico por uma rede de produção (SALDANHA, 2012).

Desse modo, a Arqueologia estabelece redes institucionais de linguagens, indexicais e de produção no fluxo do *status* do que é vestígio (dado) e sua reconfiguração como documento (Informação), e esse processo envolve termo, representação e conceito, condição epistêmica básica de produção científica. Por sua vez, a 'Cultura material' é a importância, finalidade e sentido sobre os objetos feitos e/ou modificados por sujeitos de um determinado povo numa cultura. Porém, objetos não falam por si mesmos, são os(as) arqueólogos(as) que lhes conferem significados. A importância, finalidade e sentidos agregam as dimensões: reflexos, respostas adaptativas, fenótipo humano, texto e percepção sensorial. Assim:

[...] como reflexo entende o artefato como esquema de desenvolvimento progressivo dos humanos, estabelece cronologias. [...] como resposta adaptativa é o resultado da adaptação não biológica ao meio, realizada fora do corpo (extrassomática) – cultural. [...] como parte do fenótipo percebe que as coisas são respostas as mudanças evolutivas derivadas da genética, entende como variação da evolução das espécies. [...] A cultura material como texto vê como sistema e função adaptativa controlados pelas ideias dos indivíduos. As formas materiais não espelham distinções sociais, ideias ou sistemas simbólicos (SILVEIRA, 2022, p. 86).

De forma geral, como disciplina científica, a Arqueologia se baseia na relação entre escavação (busca), cognição e análise (representação) dos vestígios, e dessa relação há a produção de conteúdos informacionais. Neste sentido, a Arqueologia irá sempre solicitar

estudos epistêmicos, uma orientação interdisciplinar em suas diversas maneiras, e especial técnico-epistêmica, para compreender essa complexidade, de maneira especial, quando se trata da representação de seus conteúdos informacionais.

A Arqueologia tem sua própria fenomenotécnica, essa que para Bachelard (1996) se refere ao conjunto interseccional das técnicas, tecnologias, teorias, ações, pensamentos e o uso e reflexão sobre eles, inclusive, sobre a sua intersecção. Essa fenomenotécnica ganha consistência partir do século XX, por meio de embasamento teórico e novas metodologias de pesquisa, e recentemente com acesso e uso das TICs (Tecnologia de informação e comunicação) que ajudaram a consolidar como importante a ciência humana e social (PAIVA; ZAHLOUTH, 2013). Além da escavação como técnica apurada e básica, há uso de laboratórios nas análises; TICs; técnicas de tratamentos dos vestígios; análises que envolvem arcabouços teóricos e químicos; registros fotográficos e escaneamento digital dos vestígios e a catalogação dos vestígios/objetos, e a técnica do Carbono-14 como tecnologia. Como também há disseminação da informação entre pares e sociedade civil por meio de teses, dissertações, relatórios, artigos e comunicações.

Os(as) arqueólogos(as) podem desempenhar suas atividades como curadores(as) em museus, exposições e acervos; podem contribuir na restauração de alguns objetos e especialmente se envolver em pesquisas acadêmicas (CALDARELLI; SANTOS, 2000). A grande ascensão e crescimento no número de arqueólogos(as) nos últimos anos se deve à demanda e fenômeno técnico-epistêmico denominados arqueologia de contrato, realizados por empresas de consultoria, ou profissionais autônomos, para atender ao chamado do salvamento do patrimônio da humanidade. Quanto à demanda teórico-epistêmica, na atualidade a Arqueologia tem buscado possibilidades que podem ser visualizadas, entre outras, pela dimensão intitulada de Ciência da Informação Arqueológica, como se refere Azevedo Netto e Matos (2012), que faz a intersecção epistemologicamente através da interdisciplinaridade de campo entre a Ciência Computacional e a CI.

Na faceta da Ciência Computacional refere-se à captura, representação e análise, enquanto na CI visualiza a disseminação e/ou democratização da informação. A discussão sobre a Arqueologia e seus problemas informacionais encontra terreno fértil na CI por duas razões, a natureza interdisciplinar (SARACEVIC, 1996), que passa a contribuir por meio dos(das) diversos(as) agentes, teorias, campos sobre seu objeto científico, como pela

contribuição de caráter social que, suspendendo os sujeitos, que são os(as) arqueólogos(as) e suas necessidades tanto tecnológicas como, e especialmente, informacionais, assim o segundo caso incide sobre a natureza, gênese e efeitos da informação, os quais destaca Le Coadic (1996).

3 TERMINOLOGIA E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

No contexto acadêmico as palavras naturais e também artificias ganham *status* de termos, assim, se agrega a elas um conceito, o valor científico-epistêmico. Para Bachelard (1996) “Um conceito torna-se científico na proporção em que se torna técnico, em que está acompanhado de uma técnica de realização”, fato que pode ocorrer através da Terminologia, essa que argumenta que todo termo acompanha um conceito e vice-versa, sendo um princípio básico da Terminologia.

A Terminologia se configura como um campo de pesquisa, uma teoria e também um objeto científico (KRIEGER; FINATTO, 2004), que pode ancorar a criação do termo e seu conceito. A dimensão da Terminologia é estabelecida pelo(a) pesquisador(a) em comunhão com o objetivo de sua pesquisa, assim, para Barros (2006), como disciplina e/ou campo de estudos, a Terminologia tem-se desenvolvido de forma intensa nas últimas décadas. Suas práticas e aplicações são relativamente recentes, e este desenvolvimento intenso e visibilidade têm ocorrido por meio do desenvolvimento da informática, uma vez que potencializou a disseminação e democratização da informação, alargando o conhecimento (KRIEGER; FINATTO, 2004). Para Krieger e Finatto (2004) a Terminologia é compreendida como uma disciplina que se debruça por meio de estudos e análises da constituição dos comportamentos dos termos no âmbito do léxico especializado, assim sendo, a Terminologia em si como objeto estudos e análises que emergem como um mecanismo que expressa e comunica o pensamento especializado. A Terminologia como objeto pode ser determinada apenas como uma unidade linguística, um termo com um conceito definido em uma determinada língua, ao qual está língua se insere em uma especialidade, o que se compreende que toda terminologia tem um conceito (GOMES, 1996; KRIEGER; FINATTO, 2004).

Na CI, os estudos terminológicos têm o potencial de ancorar, especialmente, os estudos da Representação da Informação. Para Sales, Albuquerque e Pinto (2018, p. 75), a

Representação da Informação é compreendida como um dos principais fenômenos, principalmente, quando o foco é o tratamento da organização da informação e do conhecimento, pois “[...] visa a promover o acesso ao conteúdo dos documentos para uso e possível construção de novos conhecimentos”. Contudo, ainda de acordo com as autoras, os estudos da compreensão da representação da informação estão intimamente e essencialmente ligados às questões práticas; esse fato não é um problema, todavia, acaba deixando de ver as questões filosóficas, históricas e também linguísticas que agregam os aspectos epistemológicos, especialmente, quando podem se dar pela interdisciplinaridade teórica com a Terminologia (TEIXEIRA, 2004).

Assim, considerando a Representação da Informação, seu potencial epistemológico também pode ser estruturado por três questionamentos filosóficos: a) Por que representar? b) Como representar? e c) Quais são os aspectos relevantes dos(os) grupais e culturais que ancoram a representação da Informação? É no fluxo destes três questionamentos que o auxílio da Terminologia ocorre, pois a Terminologia objetiva a ordem dos termos, o movimento epistêmico de vigilância, a teorização e prática da construção de conceitos e as lógicas de uso. Isso faz com que a Terminologia facilite teoricamente e tecnicamente a construção de um texto, a indexação descritiva e temática deste mesmo texto, sendo essas algumas das composições da Representação da Informação (GOMES, 1996). Assim:

A terminologia, por causa de sua natureza sistemática, ao lado da classificação, tem sido vista em literatura mais recente como contribuindo para o desenvolvimento de outras áreas que, de alguma forma trabalham com representação da informação. Os princípios de sistematização de termos, comuns à terminologia e à classificação, são fundamentais aos bancos de conhecimento, uma vez que, neles, os conceitos são estruturados, classificados e sistematizados (CAMPOS, 1995).

Desse modo, a Representação da Informação através da Terminologia pode responder estas três questões, pois ela vem ancorar os aspectos teóricos, técnicos e epistêmicos da representação da informação, o que inclui as políticas de informação. Uma política de informação visualiza de forma técnica a indexação da informação na perspectiva descritiva e temática, em que a primeira visualiza as dimensões físicas e estéticas dos documentos arqueológicos, especialmente as teses e dissertações, assim, na definição e padronização dos pontos de acesso, enquanto na segunda se refere aos conteúdos temáticos dos documentos

arqueológicos pela análise documental (LANCASTER, 2004).

Compreendendo o olhar epistêmico sobre a noção de documento de Briet (1951), isso significa dizer que a indexação temática e a indexação descritiva são importantes para a Arqueologia, tanto na perspectiva técnica e teórica, entretanto necessariamente epistêmica, pois se trata de documento produzidos há muito tempo e situados em condições que os tornam frágeis, de tal modo, requerendo mais ênfases nos pressupostos destes mecanismos técnicos e da filosofia que rege estes procedimentos técnicos. A Terminologia pode agregar no campo da Representação da Informação também as de três conjecturas epistêmicas, a Teoria Geral da Terminologia (TGT), essa desenvolvida no Ocidente, a partir do prisma de Eugen Wüster, austríaco que em 1930 constituiu as bases da TGT (BARROS, 2006). Portanto, a TGT emerge com a função conceitual ou cognitiva, que se conecta à análise e descrição da terminologia, especificamente com os estudos, a harmonização e a organização dos domínios, por meio da sistematização dos termos, em que conceito precede o termo (BARROS, 2006; CABRÉ, 1993; LIMA; BOCCATO, 2009;). Além da TGT, pode-se abordar também a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), sistematizada por Maria Teresa Cabré, em 1999, a qual aborda o potencial da comunicação e da linguagem, ao mesmo tempo que a relaciona com a comunicação e disseminação de informação entre sujeitos e entre sujeitos e máquinas (BARROS, 2006; CABRÉ, 1993; LIMA; BOCCATO, 2009). No âmbito da Terminologia, também a inclinação Socioterminologia, uma vez que as variantes lexicais e conceituais que constituem um objeto de estudo da Terminologia devem considerar o contexto, segundo Barros (2006).

Isso significa dizer que a Socioterminologia dá conta dos aspectos sociais da linguagem de especialidade, pois deve partir da conexão onde há prática terminológica e o espaço da ação em que acontecem as práticas de linguagens, sendo uma ciência como a Arqueologia. Neste sentido, um dos pontos fundamentais da Socioterminologia no âmbito da Terminologia se refere à valorização da identidade específica dos sujeitos, ou sejam, os(as) arqueólogos(as), do mesmo modo objetivando as análises e resgates das línguas em processo de uso, disseminação e extinção da língua (CABRÉ, 1993; LIMA; BOCCATO, 2009).

Considerar estas três perspectivas, dentro dos estudos terminológicos, significa dizer que a Terminologia inserida na representação da informação arqueológica é um exercício prático da interdisciplinar do campo da CI, de forma teórica, epistêmica ou apenas técnica, pois seus pressupostos de campo possibilitam que os especialistas, técnicos, como também

cientistas arqueólogos(as) atentem para a utilização dos termos mais adequados no que se refere ao ciclo da informação arqueológica.

4 METODOLOGIA

Adotou-se abordagem qualitativa, método compreensivo-descritivo-interpretativo, apoiou-se teoricamente nos estudos Terminológicos, e da Representação da Informação, a orientação interdisciplinar teórica e de campos, e utilizou-se o *software CorelDRAW*.

O trabalho é envolvido por um espectro epistêmico-cognitivo, assim, a abordagem **qualitativa** e o método **compreensivo-descritivo-interpretativo** emergem naturalmente. A faceta qualitativa visualiza o caráter (inter)subjetivo avaliativo de uma ciência (SOUZA; SANTIN; SCHARDONG, 2012), e para Günther (2006) as pesquisas qualitativas são ações subjetivas construídas a partir do *corpus*. Teve o método **compreensivo-descritivo-interpretativo**, que possibilita construir significados inéditos sobre um fenômeno.

A dimensão **descritiva** marca a representação densa e detalhada do fenômeno investigado, assim, descrevendo as essências. De tal modo que, ao realizar a descrição, o(a) pesquisador(a), ele(ela) dirige-se ao objeto de estudo e aponta seus significados e as essências e explicita o que ele(ela) percebeu (SANTOS, 2018). Já, na perspectiva **compreensiva**, o(a) pesquisador(a) é livre epistemologicamente para fazer reflexões e ponderações do fenômeno. Portanto, o ato compreensivo estabelecido na realidade, como vivida por ele(a) (SANTOS, 2018). Quanto à dimensão **interpretativa**, ela reflete acerca da ação do(da) pesquisador(a) ao sair da noção de mensuração e partir para a busca de compreender a realidade por meio dos sujeitos e dos respectivos grupos quanto ao (inter)discurso. Na dimensão interpretativa o(a) pesquisador(a) vai direto na “[...] polissemia, principal característica da estrutura simbólica do fenômeno, implicando o sujeito do discurso em um dizer próprio e apropriado, coerente com o sentido do lugar” (SANTOS, 2018, p. 590). Assim, se consideram nesta perspectiva as ações experienciadas e vivenciadas pelos sujeitos e seus respectivos grupos de pertença a partir de uma mesma cosmovisão que emerge da relação de valores, representações, crenças, opiniões, atitudes, hábitos e comportamentos comuns que compõem um determinado grupo (MUNHALL, 2012).

Os estudos **Terminológicos** e da **Representação da Informação** surgem como fio teórico que delinea a abordagem epistêmica interdisciplinar teórica deste estudo, em que os(as) autores(as) reconhecem a **Terminologia** como pressuposto básico para a construção do conceito de **Informação Arqueológica**. A Terminologia pode agregar no campo da **Representação da Informação** com o destaque para a ‘informação arqueológica’ como signos ideológicos (FERREIRA, 2020), a partir de três eixos: a Teoria Geral da Terminologia (TGT), a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e a Socioterminologia (CABRÉ, 1993; KRIEGER; FINATTO, 2004; LIMA; BOCCATO, 2009).

Adotou-se a interdisciplinaridade, e algumas dimensões de natureza norteadora e protocolar. Fazer essa marcação protocolar versa sobre a vigilância científica que dilui a interdisciplinaridade como palavra esponja³. Destaca como inclinação epistêmica a interdisciplinaridade teórica (autores(as) de uma mesma área utilizando uma teoria de outra área) e de campo (autores(as) de diferentes áreas), através do protocolo ‘**organização e coordenação**’, que se reflete também sobre o tamanho da equipe, o qual nesta pesquisa mostra-se satisfatório e adequado, e sobre ela destaca as formas de resolução dos problemas que são propostas, ajustando-se na medida do desenvolvimento da problemática da pesquisa comum. Adotou-se também o protocolo ‘**comunicação e a linguagem**’, que equaliza a comunicação entre os(as) pesquisadores(as) do campo da Ciência da Informação, Biblioteconomia, Psicologia, Letras/Linguística, Educação e Museologia, com ênfase na construção e uso do termo e seu conceito. Quanto à ‘**Ciência e Epistemologia**’, reflete sobre os limites, alcances, problemáticas, desafios, métodos, das técnicas e das tecnologias epistêmicas que as disciplinas aparelham para abordar os objetos científicos interdisciplinares (TEIXEIRA, 2004).

Para visualização das análises e resultados foi utilizado o *software CorelDRAW*, versão 20/2018, um programa produzido pela *Corel Corporation* que permite a criação de ilustrações que facilitam ao leitor ter mais clareza.

³Para Bachelard (1996), o uso da imagem e palavra esponja pode imobilizar o pensamento científico, quando essa única imagem e palavra constitui toda a explicação.

5 ANÁLISES E DISCUSSÃO

O movimento poliepistemológico é fundamental para o avanço científico, assim, tornam-se imperativos os retornos epistêmicos, pois eles permitem que uma ciência visualize a si mesma por reflexos quanto às suas bases, e isso inclui rever o léxico especializado arqueológico, ou seja, os termos e conceitos da área.

Visualizar a ‘Informação Arqueológica’ através da interseção entre a Terminologia e a Representação da Informação (descritiva/temática) (Quadro 1) se refere às condições físicas e de conteúdo dos objetos arqueológicos procurados e achados. Visualizar o uso e reflexão acerca da ‘informação arqueológica’ como termo, conceito e seu valor epistêmico no campo da CI, neste estudo, ocorre por três dimensões básicas: o dado, informação, conhecimento (memória e história), como demonstra a Quadro 1.

Quadro 1 - Interseção entre a Terminologia e a Representação da Informação

Representação da Informação					
Nível de <i>status</i>	Dado	Informação	Conhecimento	Memória	História
Vestígios materiais	x			x	
Objeto	x	x	x	x	
Objeto de estudo	x	x	x	x	
Documento	x	x	x	x	x
Cultura material	x	x	x	x	x
Cultura Ágrafa	x	x	X	x	x
Informação Arqueológica					
Terminologia					

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Para Copé e Rosa (2016), quando o(a) arqueólogo(a) faz a escavação, ele não produz ‘dados’, assim, para os(as) autores(as), os ‘dados’ não estão prontos à espera dos(das) arqueólogos(as), que apenas os coletam no registro arqueológico. A noção dos(das) autores(as) refere-se à dimensão ‘dados’ como ‘busca da pesquisa’, porém a dimensão epistêmica deste fenômeno vai muito além. Mas deve-se concordar com Copé e Rosa (2016), os ‘dados’ existem independente da percepção humana e, para Santana *et al.* (2020), eles podem ser um fenômeno quantificável, palpável, visual e realizado seja em átomos, células e *bits* e, até mesmo, o que constitui a matéria escura.

Essa lógica se aplica aos 'dados arqueológicos', que se constituem a partir da fenomenotécnica arqueológica, um pedaço de cerâmica (dado/vestigio), pedaços de cerâmica que constituem um vaso (informação), datação do vaso (conhecimento). Assim, o 'dado' é um vestígio que, para Drumond e Lombardi (2020), aponta para o alusivo, algo existente ou que existiu (um vaso), temporal, finito e que tem uma relação física e também metafísica, segundo Santana *et al.* (2020). De acordo com o Quadro 1, o 'Vestígio' como 'dado', ainda que Memória de um passado agráfo, emerge essencialmente na dimensão de átomos e células, pois se trata de matérias como ossos, restos de fogueiras, pinturas rupestres, ruínas, textos antigos, fósseis, objetos de cerâmica. O Vestígio (dado) se figura como o produto inicial para o(a) arqueólogo(a), ele se figura como o alicerce das ocorrências tangíveis, intangíveis, naturais e artificiais que existiram e/ou, independentemente do valor simbólico, das análises do(da) arqueólogo(a), mas com o potencial de significação e/ou percepção que será composto por um equipamento biológico, tecnológico e/ou cognitivo, entres outros que constituem a fenomenotécnica arqueológica.

De 'Vestígios materiais' a *status* de 'objeto', o segundo se figura como uma coisa que sofreu metamorfose, assim são inseridos no imaginário, são definições do pensamento e do método (fenomenotécnica) (BRULON, 2015). De forma geral e *a priori*, o objeto expressa materialidade, altura, comprimento, largura, textura, cor e peso, e o que vier além disso é atribuição de sentidos pela sociedade e sujeitos (MENESES, 1994). Ainda na perspectiva de Meneses (1994), há classificações complexas para os objetos, sendo eles objeto-fetichado, objeto metonímico, objeto metafórico e objeto no contexto. O objeto-fetichado se figura mitificado, considerado uma relíquia, como a peça de vestuários de uma figura histórica. Ele é aquele em que os atributos e/ou dimensões são apresentados como naturais, assim, suas características de qualidade são imanentes de sua própria natureza (MENESES, 1994). O objeto metonímico pode ser aquele cujo valor documental é substituído pelo de ícone cultural, sendo uma imagem estética e simbólica, e não epistemológico, como argumenta (AUMONT, 2012). Especialmente porque ele carrega a dimensão identitária e grupal, o que o torna excludente, pois ele cai no desvio ideológico que já ocasionou estereótipos (SILVEIRA, 2022). O objeto como metáfora é apresentado por ele mesmo, sem contexto, dissociado e reduzido, apenas uma apresentação estética e material do acontecimento em uma comunicação esvaziada. Assim, ele elucida uma condição, uma dificuldade, uma ideia, sem

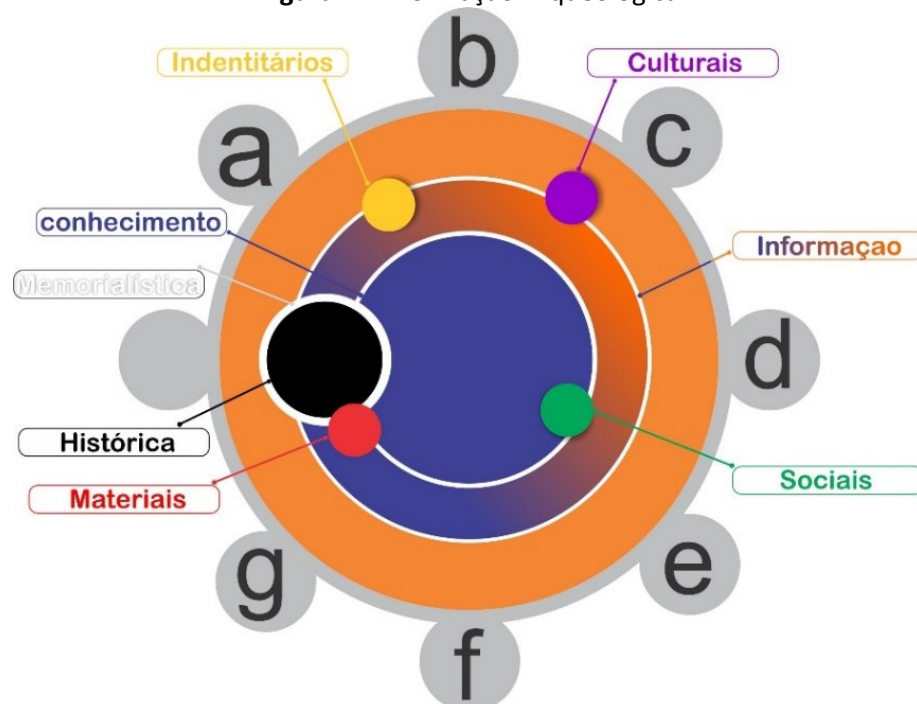
explorar a real situação problematizadora dele, apresentado nas exposições museológicas em que a pesquisa e a documentação foram insatisfatórias, escassas e rasas (MENESES, 1994; SILVEIRA, 2022).

O objeto contextualizado se refere ao fato de que a contextualização não significa arrumar os objetos como eram encontrados na vida real. Não é possível descontextualizar um cenário museológico, pois o objeto 'musealizado' é movimentado em diversas formas de estratificação, estratos que formam camadas e superposições que passam a diferenciá-lo do contexto original. O estrato contorna o objeto exclusivo de um contexto diferente, no qual isso vai se repetir consecutivamente, tornando esse objeto em um documento (MENESES, 1998; SILVEIRA, 2022). Assim, o(a) arqueólogo(a) deve descortinar seu objeto das dimensões fetichista, metonímica, metafórica e contextual que, em conjunto, produzem a paixão como força matriz do valor estético e simbólico. Esse descortinamento tem o potencial de produzir o objeto epistêmico, assim, o configurando como objeto de estudo, científico e, por consequência, um documento. Isso significa dizer que se estabeleceram redes institucionais, de linguagens, indexicais e de produção no fluxo do *status* do vestígio (dado) ao documento (Informação). Esse processo envolve termos e conceitos no fluxo do *status*, e o uso deles como representação epistêmica básica de produção científica na fenomenotécnica arqueológica.

Como pode ser visto no Quadro 1, a cultura material está associada aos elementos materiais, sejam vestígios materiais objeto, objeto de estudo e documento, ou seja, os elementos palpáveis e concretos, o que inclui os vestígios materiais. Neste sentido, considerando o Quadro 1, a Informação Arqueológica (Figura 1) é um conjunto de dados, ou seja, vestígios, evidências, indícios e pistas localizados e tratados, logo, é um conjunto de informação (documentos), (Figura 1, esfera laranja e azul) e conhecimento, (Figura 1, esfera azul) sobre os aspectos culturais (Figura 1, esfera roxa), sociais (Figura 1, esfera verde) identitários (Figura 1, esfera amarela), e materiais (tecnologias ornamentais e tecnológicas técnicas) - (Figura 1, esfera vermelha), de uma determinada sociedade e/ou grupo pertencente a um passado ágrafo.

A informação arqueológica tem o potencial de visualização do contexto de antecipação culturais, sociais, identitários, ambientais e tecnológicos das sociedades atuais e seus impactos para as sociedades do futuro, tendo em vista a sua essencialidade memorialístico-histórica que constitui a cultura material (conhecimento).

Figura 1 - Informação Arqueológica



Fonte: Elaboração própria, 2022.

De acordo com a Figura 1, como ilustram as esferas cinzas⁴, nesta pesquisa se apontam alguns usos práticos do termo Informação Arqueológica. Ela tem o potencial de:

- Fazer de forma eficiente e eficaz a representação (temática - indexação/descriptiva - catalogação) de seus objetos (materiais) de estudos;
- Facilitar a linguagem escrita dos(das) arqueólogos(as);
- Subsidia as oralidades intergrupais e individuais dos(das) profissionais arqueólogos(as);
- Minimizar o teor ambíguo e ambivalente da SI;
- Facilita a disseminação da Informação Arqueológica, para além das confrarias acadêmicas;
- Facilita a promoção da interdisciplinaridade com outras áreas, especialmente, para áreas como a história, museologia, arquivologia, biblioteconomia, antropologia, paleontologia e outras;
- Gerencia a informação/conhecimento arqueológico quanto à antecipação social, cultural e ambiental atual.

⁴A esfera cinza vazia representa que novos estudos podem evidenciar novos usos práticos do termo Informação Arqueológica.

Assim, na Arqueologia os(as) arqueólogos(as) têm desenvolvido as estratégias do ciclo da informação arqueológica, buscando informação de outras áreas, e isso inclui o tratamento, armazenamento e disseminação da informação arqueológica, etapas do ciclo da informação e que são meta-objetos de estudos da CI. Portanto, representar versa sobre facilitar a linguagem escrita e a comunicação oral entre os(as) profissionais arqueológicos(as), como também para além das confrarias acadêmicas. A forma de representar é importante para atingir a eficácia e eficiência, e na CI isso se dá através da representação da informação especialmente por meio da indexação (temática e descritiva) e catalogação de seus objetos de estudos. Os aspectos relevantes grupais e culturais que ancoram a representação da informação devem ser considerados, uma vez que a informação arqueológica tem o potencial de gerenciar quanto à antecipação social, cultural e ambiental atual, além da minimização do teor ambíguo e ambivalente da SI, e facilita também a promoção da interdisciplinaridade como vetor epistemológico, especialmente com áreas como a história, museologia, arquivologia, biblioteconomia, antropologia, paleontologia e outras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresenta um espectral da Arqueologia, com o objetivo de contribuir para refletir sobre um construto epistêmico na CI, a Informação Arqueológica; um construto que pode auxiliar o ciclo da informação dessa área.

A Informação Arqueológica como estratégia para gerir os dados, informação e conhecimentos arqueológicos se apoia em dois pressupostos, essencialmente, o técnico-epistêmico, que compõe a Representação da Informação, e o teórico-epistêmico, a Terminologia. No primeiro caso destaca-se: a) a indexação descritiva e temática dos seus objetos, o primeiro que versa sobre a dimensão física e o segundo, a metafísica; b) a catalogação que, por sua vez, versa sobre os espaços, ou seja, os pontos de acesso na sua localização Informação Arqueológica em seu estado físico e metafísico. No segundo caso, o arcabouço teórico é utilizado para refletir sobre as estruturas bases e as ligações entre os termos e conceitos que constituem a Informação Arqueológica.

Explorar os estudos da Informação Arqueológica é uma estratégia, e pertinente, tendo em vista a ambiguidade e ambivalência da SI, mas, especialmente, promover caráter

antecipativo informacional no âmbito dela. Assim, os processos de produção, disseminação, acesso e uso da Informação Arqueológica podem ocorrer de forma eficiente e eficaz por arqueólogos(as), sociedade civil e outras comunidades científicas, onde o seu acesso e uso ocorrem pela interdisciplinaridade.

Financiamento

Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) / Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ).

REFERÊNCIAS

AUMONT, J. **A imagem**. São Paulo: Editora Papirus, 2012.

AZEVEDO NETTO, C. X.; MATOS, F. A. S. Tratamento da informação rupestre: uma ação interdisciplinar. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. esp., p. 35-54, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/100762>. Acesso em: 14 ago. 2020.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARROS, L. A. ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E PERSPECTIVAS CIENTÍFICAS DA TERMINOLOGIA. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 22-26, abr./jun. 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200011. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Édit - Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951. Disponível em: <http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation/briet.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antártica/Empúres, 1993.

CALDARELLI, S. B.; SANTOS, M. C. M. M. Arqueologia de Contrato no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, p. 52-73, dez/fev. 1999-2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p52-73>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/64012/0>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CAMPOS, M.L. A. Perspectivas para o Estudo da Área de Representação da Informação. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, 1995. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v25i2.661>. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/54780>. Acesso em: 14 jan. 2022.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362007000100012>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>. Acesso em: 14 jan. 2022.

CHMYZ, I. *et al.* Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, Curitiba, v. 1, n. 1, 1976.

COPÉ, S. M.; ROSA, C. A. D. A Arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas. *In*: PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. (org.). **Ciências humanas: pesquisa e método**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 97-124. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/introduo-em-arqueologia-apostila03.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2022.

DEMO, P. Ambivalências da Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/885>. Acesso em: 8 jun. 2022.

DRUMOND, D. T.; LOMBARDI, K. H. “O apelo de Lênin”: vestígios do regime soviético na Rússia na fotografia contemporânea de Serguei Maksimshin. **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 214-237, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/32256/20216>. Acesso em: 14 jun. 2022.

FERREIRA, C. J. S. **A constituição identitária do sujeito dialógico na trilogia Divergente de Veronica Roth**. 2020. 73f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10866>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FUNARI, P. P. A. Teoria e epistemologia do conhecimento arqueológico. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, v.9, n. 2, p. 1-2, dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rap.v9i2.8642861>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8642861>. Acesso em: 15 jan. 2020.

GOMES, H. E. **Classificação, tesouro e terminologia: Fundamentos Comuns**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1996. [Palestra preparada para as Tertúlias do Departamento de Biblioteconomia da UNIRIO, apresentada em julho de 1996. Conteúdo publicado originalmente no site BITI – Biblioteconomia, Informação & Tecnologia da Informação]. Disponível em: <http://eooci.uff.br/classificacao-tesouro-e-terminologia/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/HMpC4d5cbXsdt6RqbrmZk3J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2021.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução a terminologia**. São Paulo: Contexto, 2004.

LANCASTER, F.W. **Indexação e Resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LIMA, V. M. A.; BOCCATO, V. R. C. O desempenho terminológico dos descritores em Ciência da Informação do Vocabulário Controlado do SIBi/USP nos processos de indexação manual, automática e semi-automática. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n.1, p. 131-151, jan./abr. 2009. DOI 10.1590/S1413-99362009000100010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/8FGwct7SPKrDQ5YKzF8fSvF/?lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2020.

MACHADO, G. B. *et al.* Perspectivas de pesquisa sobre inteligência estratégica antecipativa e coletiva (ieac) por meio da análise de sentimento: um cenário didático de uso. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 10, n. 1, p. 152-164, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/148563>. Acesso em: 2 jun. 2022.

MALLMITH, D. M. **Vestígio material, corpo de delito, evidência e indício**. Instituto-Geral de Perícias – SSP, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/42538013/Mallmith-Vestigio-Material>. Acesso em: 7 maio 2022.

MENESES, U. T. B. de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 9-42, jan./dez. 1994. DOI: 10.1590/S0101-47141994000100002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MENESES, U. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MUNHALL, P. L. Interpretative phenomenology. *In*: BECK, C.T. (ed). **Routledge International Handbook of Qualitative Nursing Research**. New York: Routledge, 2013. p. 145-161. Disponível em: <http://ndl.ethernet.edu.et/bitstream/123456789/7015/1/198.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2022.

PAIVA, E. B. Conceituando fonte de informação indígena. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 61-70, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/91931>. Acesso em: 7 jan. 2023.

PAIVA, R. O.; ZAHLOUTH, I. M. L. V. Informação e arqueologia: segredos do passado transcritos em suportes primitivos. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo

Horizonte, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69921>. Acesso em: 1 jun. 2022.

SALDANHA, G. S. O “fabuloso” antílope de Suzanne Briet: a análise e a crítica da análise neodocumentalista. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em:
<http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/1093/SALDANHA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SALES, O. M. M.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C.; PINTO, V. B. O conceito de representação no contexto da Ciência da Informação: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais**, Fortaleza, v. 3, número especial, p. 70-81, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/resdite/article/view/39753>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SANTANA, S. R. *et al.* ENTRE ÁTOMOS, CÉLULAS E BITS: CONSIDERAÇÕES EPISTÊMICAS ACERCA DA INTERDISCIPLINARIDADE DO DADO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. *In*: COSTA, L. C. A. *et al.* (org.). **Dados científicos: estudos práticos, teóricos e epistêmicos**. João Pessoa: Ideia, 2020. p. 9-31.

SANTOS, R. N. **Ser-sendo-cego-no-mundo-com**: descrição fenomenológica compreensiva-interpretativa sobre percepções e vivências cognitivas do ler, escrever, pesquisar e produzir conhecimento de intelectuais que não dispõem do sentido da visão. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29230>. Acesso em: 1 jun. 2022.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22308>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SETZER, V. W. Dado, informação, conhecimento e competência. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, n. zero, dez. 1999. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45629>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SILVA, R.A.; COUTINHO, R.N. Epistemologia da Ciência Arqueológica: repensando conceitos e métodos. *In*: REUNIÃO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA/SESSÃO NORDESTE (SAB/NE), 6., 2020, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://sabne2020.hcommons.org/epistemologia-da-ciencia-arqueologica-repensando-conceitos-e-metodos/>. Acesso em: 7 maio 2020.

SILVEIRA, A. R. **Teoria do objeto**. Indaial: UNIASSELVI, 2022.

SILVEIRA, A. R. **Documentação museológica**. Indaial: UNIASSELVI, 2021.

SOUZA, A.R.; SANTIN, D. M.; SCHARDONG, S.Z. Mapeamento temático da produção científica do programa de pós-graduação em neurociências da UFRGS: 1998-2010. *In*: SEMINÁRIO

NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (SNBU), 17., 2012, Gramado. **Anais [...]**. Gramado: UFRGS, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61066>. Acesso em: 7 maio 2020.

TEIXEIRA, O. A. Interdisciplinaridade: problemas e desafios. **RBPG: Revista Brasileira de Pós-Graduação**, n. 1, p. 57-69, jul. 2004. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/22/19>. Acesso em: 20 jun. 2020.

Declaração de Contribuição dos Autores

Sergio Rodrigues de Santana – Conceptualização – Curadoria dos Dados – Análise Formal – Aquisição de Financiamento – Investigação – Metodologia – Recursos – Administração do Projeto – Supervisão – Validação – Visualização – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

Eliane Epifane Martins – Conceptualização – Curadoria dos Dados – Análise Formal – Metodologia – Supervisão – Validação – Visualização – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

Lilia Mara de Menezes – Análise Formal – Investigação – Metodologia – Supervisão – Validação – Visualização – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

Maytê Luanna Dias de Melo – Administração do Projeto – Conceptualização – Aquisição de Financiamento – Investigação – Metodologia – Administração do Projeto – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição)

Carla Daniella Teixeira Girand – Metodologia – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

Como citar o artigo:

SANTANA, Sergio Rodrigues de; MARTINS, Eliane Epifane; MENEZES, Lilia Mara de; MELO, Maytê Luanna Dias de; GIRAND, Carla Daniella Teixeira. Reflexões sobre o termo e conceito 'Informação Arqueológica': um estudo a partir da Terminologia e da Representação da Informação. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 7, p. e29429, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2023v7n1ID29429>.